

ONTOLOGIA E EPISTEMOLOGIA DO CUIDADO DE ENFERMAGEM

Betina Barbedo Andrade¹
Elisabeth Furlan Bellini¹
Marta Elaine Serafim dos Santos¹
Maria Angélica Pagliarini Waidman²

ANDRADE, B. B., BELLINI, E. F., SANTOS, M. E. S. WAIDMAN, M. A. P., Ontologia e epistemologia do cuidado de enfermagem. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, Umuarama, v. 12, n. 1, p. 77-82, jan./abr. 2008.

RESUMO: Nos últimos anos, a ciência da enfermagem adquiriu um corpo de conhecimentos através do desenvolvimento de teorias, sistematizações da assistência e construção de saberes, que muito têm contribuído para os processos cuidadosos. Na ótica filosófica, dois termos têm emergido em publicações atuais: ontologia e epistemologia. Este estudo tem como objetivo discutir os aspectos ontológicos e epistemológicos do cuidado, clarificando esses dois termos de raízes filosóficas e o seu significado para o cuidar. Foi baseado nos conceitos acerca do cuidar, desenvolvidos por vários autores da atualidade e em outros dedicados ao estudo da filosofia. Com a mudança de paradigma em curso nas ciências em geral, “apreender estes conceitos é o que nos consolida como uma comunidade intelectual comprometida com a produção de conhecimento no interesse de avançar o bem estar humano”.

PALAVRAS-CHAVE: Empatia; Cuidados de enfermagem; Conhecimento; Enfermagem.

ONTOLOGY AND EPISTEMOLOGY OF THE NURSING CARE

ABSTRACT: In the latest years, the nursing discipline has showed a corpus of knowledge resultant from the theories development, systemizations of attendance, and the constructions of the acquirements, which have contributed so much to the carefulness process. Philosophically, two terms have marked the actual publications: ontology and epistemology. In this research we propose discuss the ontological and epistemological aspects of the carefulness process, elucidating these two terms from philosophical roots, and its signification to the carefulness process. Our research was based in the carefulness process conceptions, developed by many actual authors, and in the other way, in the philosophy research. Because of a paradigm exchange, that occur in the sciences in the general, “know those conceptions is the way to solidify us as a intellectual community, compromised with a knowledge production to benefit of the human welfare advancement”.

KEYWORDS: Empathy; Nursing care; Knowledge.

Introdução

A ontologia e a epistemologia são termos que possuem sua origem na filosofia e que atualmente vêm sendo utilizados por várias ciências, inclusive pela própria enfermagem.

A enfermagem, constituindo-se eminentemente como prática, é orientada ao outro e procura facilitar a inerente capacidade humana de autocura, além disso, com sua consolidação como uma ciência focada no ser humano, mais ainda, no cuidado ao ser humano, torna-se necessária à compreensão filosófica do cuidado e sua utilização nas ações que requerem situações terapêuticas.

Rawnsley (1998) afirma que, embora a ontologia e a epistemologia sejam termos originários do domínio da filosofia, têm emergido recorrentemente em publicações atuais de enfermagem. Ambos os termos, frequentemente, aparecem no contexto de desafios de metodologia na ciência de enfermagem. No entanto, sua utilização ainda é limitada, embora haja o reconhecimento de sua importância científica para o cuidado. A autora questiona o leitor quanto ao por quê? utilizá-los, ressaltando uma virada na missão escolar em direção ao estado filosófico da enfermagem, contrastando com a preocupação da legitimidade científica.

Neste sentido, acreditamos que entender os significados da ontologia e epistemologia contribui para

discussões sobre as implicações para o desenvolvimento do conhecimento e ainda promove a intersubjetividade como um passo inicial para o conhecimento.

Os termos cuidado e assistência na enfermagem têm sido muitas vezes utilizados como sinônimos. No entanto, não concordamos que o sejam, pois cuidar adquire um status privilegiado na ciência da enfermagem fazendo-se necessário o aprofundamento filosófico.

Dentro desta perspectiva, percebe-se, nas últimas décadas, uma mudança de paradigma nas ciências em geral e, segundo Rawnsley (1998, p. 4),

“apreender os conceitos ontológicos e epistemológicos e suas implicações para a ciência do cuidar é o que nos consolida como uma comunidade intelectual comprometida com a produção de conhecimento no interesse de avançar o bem estar humano”.

O propósito deste artigo é contribuir para a clarificação dos termos ontologia e epistemologia e sua aplicação para a enfermagem, discutindo seus princípios, sem a pretensão de responder a todos os questionamentos, considerando que a enfermagem é uma ciência em perpétua construção.

Por permitir o aprofundamento em leituras a respeito do tema de forma sistematizada e crítica, optou-se pela utilização da pesquisa bibliográfica como método de investigação para responder aos questionamentos acerca da temática. De acordo com Cervo e

¹Enfermeiras docentes do curso de enfermagem UNIPAR - Sede.

²Enfermeira docente do curso de enfermagem da UEM.

Bervian (1989), a pesquisa bibliográfica geralmente é empregada para explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos, buscando conhecer ou analisar as contribuições culturais ou científicas existentes sobre um determinado assunto ou tema.

Desenvolvimento

Desvelando a epistemologia:

A epistemologia é um ramo da filosofia que surgiu no final do século XVIII, quando houve a substituição de uma atitude de exaltação cega e de confiança otimista nas ciências, por um ceticismo e uma crítica aguda nos confrontos do conhecimento científico. É indicada em dois sentidos: 1) para demonstrar o estudo da origem e do valor do conhecimento humano em geral; 2) para significar o estudo das ciências (físicas e humanas), dos princípios sobre o qual se fundam, dos critérios de verificação e de verdade e do valor dos sistemas científicos (SOJIA, 2000).

Para Bueno (1996), ela é o estudo do grau de certeza do conhecimento científico em seus diversos ramos.

Para Munhall (1993), a epistemologia é um ramo da filosofia que trabalha com o conhecimento e como nós chegamos ao conhecimento do mundo. Meleis (1987) descreve a epistemologia como o estudo do que os seres humanos sabem, e como vieram a saber, ao longo dos tempos. Ela busca descobrir o que as pessoas pensam sobre o saber e qual o critério para avaliar este conhecimento.

Confrontando as três conceituações, podemos observar que, para o primeiro autor, a epistemologia se detém nos conhecimentos desenvolvidos à luz da ciência, enquanto, para os dois outros, ela trata de todo o conhecimento, mesmo o empírico.

Alguns autores (CHISHOLM, 1974; SILVEIRA, 2002) usam a “Teoria do Conhecimento” como sinonímia à epistemologia; entretanto, esta idéia é contestada por outros autores (JAPIASSU, 1975; LALANDE, 1993), que afirmam tratar-se de conhecimentos diferentes, sendo o primeiro o conhecimento em geral e o segundo relacionado especificamente ao conhecimento científico.

Considerando o cuidado uma ação inerente ao ser humano e que possui características muito peculiares no que diz respeito à sua aplicação, concordamos com Williams (2001), ao afirmar que a melhor forma de perceber uma determinada área teórica é perguntando que problemas ela aborda. Assim, no que diz respeito à epistemologia do cuidado de enfermagem, teríamos 05 problemas a serem discutidos: o problema analítico, o problema da demarcação, o problema do método, o problema do ceticismo e o problema do valor.

O problema analítico é aquele em que se pre-

tende uma análise do conceito do cuidar em enfermagem, ou seja, o que é o cuidado e como entendemos o cuidar em enfermagem.

O problema da demarcação refere-se a distinção, a demarcação do cuidar. A ele cabe as questões: Podemos determinar o âmbito e os limites do cuidar? O cuidar pode ser considerado um domínio do conhecimento à priori (não empírico) ou a posteriori (empírico)? Tal distinção pode ser feita a respeito do cuidar?

O problema do método está relacionado com o modo como obtemos ou procuramos o conhecimento acerca do cuidar: Há uma forma de cuidar? Essas formas dependem do tipo de cuidado prestado? Podemos melhorar nossa forma de cuidar? Há métodos de investigação do cuidar que sejam claramente racionais e, se há, quais são?

Já o problema do ceticismo está intimamente ligado a justificação: Será que é possível conceber o cuidado numa concepção universal, holística? Quais são os argumentos do ceticismo do cuidar? Qual a tese que defende a impossibilidade do cuidado?

No que se refere ao problema do valor, ele está ligado ao sentido do cuidar. Faz sentido cuidar? Se sim, por quê? Para quê? O paciente é o único objetivo do cuidar ou há outros com igual (ou maior) importância?

Dentro desta perspectiva, acredita-se que, refletindo sobre estes problemas, é possível pensar o cuidado de enfermagem de forma epistemológica. Apesar de que, responder estas questões implica uma série de análises e reflexões do cuidado de enfermagem ao longo do tempo e em várias culturas.

Ontologia: Origem e Evolução

O termo ontologia, na verdade, tem sua origem na Metafísica proposta por Aristóteles, muito embora seus predecessores, Parmênides e Platão, já houvessem pensado a questão.

Em seu sentido filosófico, trata-se de um termo relativamente novo, introduzido com o objetivo de distinguir o estudo do ser como tal. O Dicionário Oxford de Filosofia define ontologia como “[...] o termo derivado da palavra grega que significa ‘ser’, mas usado desde o século XVII para denominar o ramo da metafísica que diz respeito àquilo que existe” (BLACKBURN e MARCONDES apud ALMEIDA e BAX, 2004)¹.

Acredita-se que a Metafísica tenha sido estabelecida por Aristóteles por três motivos fundamentais: a visão aristotélica de que o mundo é real e verdadeiro, multifacetado, em sua essência, pela multiplicidade de seres e sua transformação constante e ininterrupta; as essências, segundo Aristóteles, devem ser encontradas em todas as coisas, estejam elas relacionadas ao mundo inteligível ou ao mundo sensível, portanto, nos próprios homens e em suas ações; e, por último, pelo fato de que Aristóteles propõe a idéia de que, ao se pensar a

¹BLACKBURN, S. Consultoria da edição brasileira. In: MARCONDES, D. **Dicionário oxford de filosofia**. Tradução D. Murcho et al. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1997.

Filosofia Primeira, entende-se que as essências se mostram numa pluralidade de intenções significativas e que, dessa forma, seja necessária a idéia de que exista uma ciência mais ampla, cujo objeto seja, na verdade, uma essência geral ou universal: a própria Metafísica (CHAUI, 2001).

Logo, Aristóteles acreditava que a Filosofia Primeira deveria estudar, sobretudo, as causas primeiras de todas as coisas, ou seja, deveria investigar o Ser enquanto Ser. Assim sendo, o filósofo grego, em última análise, afirmava que a Metafísica nada mais seria que um estudo das essências de modo geral e irrestrito, não adentrando ao campo da pluralidade das próprias essências.

Para que tal estudo pudesse ser alcançado, o pensador propôs que três aspectos deveriam ser analisados: a imitação que gera a transmutação dos seres, com o intuito de alcançar a imagem do ser onipotente; a necessidade de análise das causas primeiras ou essências prévias; as características ou propriedades de cada ser, sem as quais não se poderia alcançar a essência do ser em sua unidade; a essência do uno e não do geral, que o filósofo denominou de Substância.

Ao conceituar a Metafísica, Aristóteles pensou alguns aspectos de suma importância, como os primeiros princípios – identidade, não-contradição e terceiro excluído –, as causas primeiras, a matéria, a forma, a potência, o ato, a essência, o acidente, a substância e os predicados (CHAUI, 2001).

No entanto, muito se estudou a questão das causas primeiras ou da Metafísica em si mesma e, no século XVII, o filósofo alemão Thomasius considerou que a palavra correta para designar a Filosofia Primeira ou Estudos da Metafísica deveria ser, na verdade, Ontologia, cujo conceito deveria girar em torno do estudo ou conhecimento do ser, dos entes ou das coisas como são em si mesmas, de forma real ou verdadeira. Para tanto, este pensador delimitou o que chamou de entes em cinco classes distintas:

Entes Naturais – elementos relacionados ao desenvolvimento natural, como árvores, fruta, sol, mar, lua, rio, pedra, solo, dentre outros.

Entes Artificiais – elementos passíveis de serem construídos, como casa, carro, telefone, roupas, calçados, computadores, ou seja, elementos necessários para o bem viver do ser humano.

Entes Ideais – elementos idealizados pelo próprio ser humano na tentativa de alcançar uma explicação natural para a existência das coisas, como raiz quadrada, números, vegetal, mineral, matéria, energia, físico e psíquico.

Entes Valorizados – elementos valorados de forma abstrata, relacionados ao bem estar humano, como feiúra e beleza, vício e virtude, raro e comum, justo, verdadeiro e falso, dentre outros.

Entes Metafísicos – elementos que transcen-

dem o entendimento comum das coisas em si mesmas, como o infinito e o nada, a morte e a imortalidade, a divindade e o absoluto. (CHAUI, 2001).

Dessa forma, a Ontologia na Antigüidade, Idade Média, bem como na Modernidade mostrava-se realista, ou seja, partia da idéia primeira de que os Seres existem em si mesmos e que, assim pensados, podem ser conhecidos e entendidos pela razão humana.

No entanto, surge, no contemporaneísmo, a idéia, com Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty, de que a ontologia não deve ser vista nem como um aspecto de realidade absoluta, nem como um idealismo ou algo preso ao campo das idéias, muitas vezes inalcançáveis, sobretudo por afirmarem que esta nova ontologia, na verdade, nada mais seria que a função do homem deveria ser não o mero entendimento de que o mundo é muito mais velho do que ele, homem, enquanto Ser, mas sim a idéia de que este mesmo elemento humano só pode ser assim entendido como tal a partir do momento em que passe a se mostrar como pesquisador que busca o entendimento do próprio mundo e, dessa forma, mostre-se um transformador desse universo que o cerca (CHAUI, 2001).

O Cuidado Humano

O cuidado é uma ação inerente ao ser humano, é intuitivo, é instintivo, faz parte da essência do ser. Para Boff (1999) e Waldow (1998), cuidar é uma forma de interação humana, uma necessidade básica, transformação e transcendência.

Cuidar é mais que um ato: é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro (BOFF, 1999).

Waldow (1998) acredita que o cuidado pode ser entendido como altruísta, sem objetivar benefício ou resultado, assegurando ao ser cuidado o bem estar a partir de suas condições. Isso inclui alimentação, conforto, respeito, resignação, descanso, proteção, informação... Para a autora, o cuidado é um fim em si mesmo.

Em um artigo sobre musicoterapia, Salles et al apud Bergold e Sobral (2003)² afirmam que o escutar está ligado ao sentido de cuidado e o não escutar ao des-cuidado. Relaciona ainda, cuidar com algumas palavras, tais como: atenção, observação, escutar, ouvir, ser todo ouvidos. Afirma ainda que há palavras que podem estar ligadas ao descuidado, como por exemplo: displicência, indiferença, desatenção, confusão, fazer-se de surdo, impaciência.

Embora já existam várias teorias acerca do cuidar, a prática do cuidar ainda é um grande desafio para todos nós da área da enfermagem, pois cada pessoa possui valores e princípios próprios, formação acadêmica,

SALLES, R. et al. Um encontro pelo afeto: Sensibilizando a formação do cuidador. Apresentado no Congresso Brasileiro de Enfermagem, Recife, 2000 e no Congresso D'ALASS, Lyon – França, setembro 2001.

diferenciada que acabam por influenciar o processo de cuidar. Além disso, o mercado de trabalho possui expectativas diferentes em relação ao profissional, que se distanciam do cuidar ontológico.

O ser humano é um ser de cuidado. A privação deste pode acarretar problemas físicos e emocionais. Isto é confirmado por Boff, quando afirma que: “a pior doença é negar a sua existência; igualmente, a pior aberração do cuidado é sua negação” (BOFF, 1999). Assim, o cuidado pode ser entendido com um direito humano e sua privação como uma violação deste direito.

Ao refletirmos sobre o cuidado, é comum encontrarmos situações de extremo descuidar. Uma situação que pode ser citada é a de um cliente idoso, internado em uma enfermaria de uma instituição hospitalar, com mobilidade prejudicada dos membros superiores, que solicita ao profissional de enfermagem que lhe ofereça a alimentação (jantar - pois o mesmo está impossibilitado de se alimentar sozinho) e o profissional responde que não pode ajudá-lo, virando-lhe as costas e ausentando-se do ambiente pelo resto da noite. Aqui, o descuidar é explícito, ferindo a própria existência humana. Ou, ainda, a negligência de cuidado como, por exemplo; não oferecer alimento e medicamento no horário correto.

Sobre isto, Boff (1999) nos rememora que o ser humano é, na sua essência, alguém de relações ilimitadas, ele é parte de uma rede de relações sociais. Mas essas relações não se dão exclusivamente socialmente, elas acontecem de uma forma quase interdependente, em que o “eu” inexistente sem o “tu”, e o “eu” somente se constitui pela dialogação com o “tu”. “Cuidar do outro é zelar para que esta dialogação, esta ação de diálogo eutú, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e de amorização” (BOFF, 1999).

Muitas vezes, quando trabalhamos numa instituição, ficamos mais preocupados com aspectos técnicos e organizacionais do que com o cuidado em si. Preocupados em sermos eficientes na administração, nos esquecemos de ser humanos. Empenhados em alcançar objetivos, deixamos de lado aspectos criativos e afetivos que envolvem o processo de cuidar. Embotados pela repetição e cansaço, não temos coragem de ousar, experimentar e crescer, de acordo com a visão de um profissional mais preocupado com o trabalho do que com o cuidado (BERGOLD e SOBRAL, 2003).

É bastante comum trabalhadores na área de enfermagem desenvolverem apenas tarefas, isto é, cumprir uma obrigação de trabalho, apenas como uma atividade de remuneração, um meio de sobrevivência. Não existe, neste caso, um real envolvimento, um compromisso (moral) com a profissão ou atividade. Às vezes são cuidadores eficientes, responsáveis, distantes e frios com os pacientes. De outro lado, há pessoas que desempenham o seu trabalho com compromisso, envolvimento e com prazer. Normalmente são cuidadores bastante sensíveis, que conseguem expressar sua sensibilidade (WALDOW, 1998).

A construção do conhecimento da ciência da enfermagem é um processo que vem acontecendo há mais de 140 anos. Trata-se de uma construção histórica de uma profissão que possui suas bases em princípios técnicos rigorosos, o que influenciou a formação profissional em enfermagem durante muitos anos. Além disso, todo o contexto social e político, bem como as exigências mercadológicas do modelo econômico hegemônico nos últimos anos, pode justificar o caráter tecnicista impresso nas ações de enfermagem, nos últimos tempos.

As escolas de enfermagem tradicionalistas têm prescrito alguns comportamentos e posturas consideradas adequadas e muitas, ainda, enfatizam um comportamento ou atitude caracterizada como postura profissional. Embora não definida precisamente, a postura profissional parece querer significar uma atitude de discrição, respeito, interesse pelo paciente, porém mantendo certa distância. De preferência essa atitude deveria ser também em relação aos membros da equipe de enfermagem, acrescida de atitude que demonstrasse autoridade e imparcialidade. Essas e outras atitudes e comportamentos, compondo às vezes uma longa listagem, tem sido questionadas e muitas mudanças têm ocorrido com o passar do tempo (WALDOW, 1998).

Assim, o processo de cuidar tem sido foco de constantes estudos e reflexões, que pretendem a transformação da nossa prática em uma atitude de entendimento do outro como um ser holístico e a transformação da assistência em um sistema de cuidar, em que o cuidado deve ser apreendido como uma relação única entre dois seres humanos.

A Ontologia do Cuidado de Enfermagem

O primeiro passo para o sucesso do cuidar, é ter boa compreensão do ser humano, das suas necessidades, capacidades e desejos. Atualmente vivemos uma época, em que a pessoa humana nem sempre é compreendida e considerada. Por isso, o mundo atual se inquieta e se angustia, por não estar, o ser humano, seguro de encontrar uma saída para esta realidade. Olivieri (1985) relata que qualquer ação humana precisa estar orientada no sentido da valorização da pessoa e da auto-afirmação do “ser”.

Mas o que significa o SER?

Martins (1985) escreveu, na apresentação do livro *O “Ser doente”*, que o significado do ser é o horizonte de compreensão no qual o ser se revela. Ou seja, ser é compreensão, verdade, abertura e inteligibilidade, que se dá somente no existir-aí-com-os-outros-no-mundo. Confirmando esta idéia, o “existencialismo” de Heidegger (1988) veio considerar que o homem não é só um simples organismo, um objeto, mas que ele existe e num dado momento do tempo e do espaço, tendo consciência do seu ser-com-os-outros. “Sendo com” é uma característica do ser. Mesmo quando nenhum outro “ser” está ao lado, mesmo só, se está “sendo com”,

no mundo. “Ser no mundo” é estar buscando, criando, sendo, procurando, cuidando de alguma coisa, sem jamais alcançar a totalidade. “Neste sentido, o cuidar é tido como uma estrutura fundamental do ser, que assim se revela.” (OLIVIERI, 1994 p. 16- 22).

Martin Heidegger, conhecido como o filósofo do cuidado, vê o ser humano como um “ser de cuidado”, ou seja, o cuidado está na essência da existência humana. Cezarino (2004), em seu artigo “Voluntariado cristão” amplia esta idéia, afirmando que sem cuidado nenhuma vida vive e sobrevive. O cuidado é uma relação amorosa e fraterna para com a realidade, por isso supõe envolvimento, desvelo e atenção, especialmente para com o outro. Ele nos permite construir um consenso ético mínimo, criando nos homens atitudes benevolentes e responsáveis para com as condições de vida do semelhante. Nesta perspectiva, um princípio que deve nortear todo o nosso agir: a solidariedade, pois somos seres interdependentes, vivemos presos a uma teia de relações de cooperação que garante nossa existência e sustentação. Boff (2005) tão sabiamente afirma que nós somos “cuidado”, que o cuidado possui uma dimensão ontológica, ou seja, entra na constituição do ser humano. É um modo singular do homem e da mulher. O cuidado está sempre presente. Ele nos acompanha, porque nunca deixaremos de amar alguém e de nos preocupar, nos inquietar por ele, caso contrário seríamos negligentes, mostraríamos indiferença, que é “a morte do amor”. Continuando o pensamento de Boff (2005), é importante colocar em tudo o cuidado, pois ele é fundamental para qualquer interpretação do Ser. Se não nos basearmos no cuidado, não conseguiremos compreender o ser humano e sua relação do cuidar com o cosmos e o universo. Assim sendo, cuidar, segundo (BOFF, 2000 p. 90) é:

Conceder direito a cidadania [...] à nossa capacidade de sentir o outro; ter compaixão com todos os seres que sofrem, humanos ou não-humanos; obedecer mais à lógica do coração, da cordialidade e da gentileza do que à lógica da conquista e do uso utilitário das coisas.

“O cuidado é o permanente companheiro do ser humano”, podendo ser compreendido como uma relação amorosa com a realidade, com o objetivo de garantir-lhe a subsistência e criar-lhe espaço para seu desenvolvimento (SÁ, 2006).

Desta forma, conceber a enfermagem, como ciência do cuidar, consiste em supor que da mesma maneira que o cuidar é ontológico para o homem, ele também o deveria ser para um ser que cuida de outro ser. E não seria atrevimento afirmar que a ciência do cuidar, a arte do cuidar, consiste unicamente em deixar fluir, no cuidador, todo seu potencial ontológico de “ser” humano. E, por se constituir uma ciência, a enfermagem ainda possui um longo caminho a percorrer, até que se funde verdadeiramente o princípio ontológico do cuidar ao cuidador de enfermagem.

Considerações Finais

As explorações filosóficas acerca do cuidar estão apenas começando. Esta discussão é de extrema pertinência, à medida que busca resgatar o âmago dos processos cuidadosos: a inerente capacidade humana para o cuidado. À medida que perscrutamos o contexto filosófico do cuidar, desvelamos a simplicidade e a infalibilidade deste processo, quando alicerçado no amor ao ser humano.

Considerando toda a literatura acerca do cuidar, cabe ressaltar que uma visão caridosa do cuidar deve ser definitivamente descartada, dando lugar a uma reflexão de natureza filosófica, pautada nos princípios éticos, epistemológicos e ontológicos da enfermagem como ciência do cuidado.

Destarte, percebemos a necessidade de ampliar essa discussão, de forma que ela saia do âmbito acadêmico e permeie a prática dos profissionais e dos acadêmicos de enfermagem, proporcionando a reflexão de sua prática, de forma a refletir diretamente na forma de cuidar.

Referências:

ALMEIDA, M.; BAX, M. Uma visão geral sobre ontologias: pesquisa sobre definições, tipos, aplicações, métodos de avaliação e de construção. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=36>>. Acesso em: 23 abr. 2008.

BATOCA, E. M. V.; SILVA, D. M. da. O conhecimento científico e a enfermagem. **Millenium revista do ISPV**, n. 27, abr. 2003. Disponível em: <www.ipv.pt/millenium/millenium_27/13.htm>. Acesso em: 28 nov. 2005.

BERGOLD, L.; SOBRAL, V. Music for care humanization. **Brazilian Journal of Nursing**, v. 2, n. 3, Dec. 2003. Disponível em: <www.uff.br/nepal/objn_203_bergoldsobral.htm>. Acesso em: 28 nov. 2005

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 90.

_____. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 90.

_____. O cuidado essencial: princípio de um novoe-thos. **Revista Inclusão Social**, v. 1, n. 1, 2005.

BUENO, S. **Pequeno dicionário da língua portuguesa**. 23. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

CERVO, A.; BERVIAN, P. **Metodologia científica**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

- CHAUI, M. **Convite á filosofia**. São Paulo: Atica, 2001.
- CHISHOLM, R. M. **Teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- CEZARIANO, M. da S. **Voluntariado cristão**. Disponível em: < www.projetocrescer.net>. Acesso em: 30 jun. 2006.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo: pensamento humano**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: M. Fontes, 1993.
- MARTINS, J. Apresentação. In: OLIVIERI, D. P. **O “ser doente”**: dimensão humana na formação do profissional de saúde. São Paulo: Moraes, 1985. p 11.
- MELEIS, A. **Epistemology: the nature of knowledg**. Paper present at the 4 th. Annual. Nursing science Colloquium on Strategies for theory Development in Nursing, p. 19-29, Mar. 1987.
- MUNHALL, P. Epistemology in nursing. In: BOY, D. C. O (Ed.). **Nursing research: a qualitative perspective**. New York: NLN, 1993. p. 39-65.
- OLIVIERI, D. P. **Reflexões de um médico enfermo**. São Paulo: Moraes, 1994. p. 16-22.
- _____. **O ser doente: dimensão humana na formação do profissional de saúde**. São Paulo: Moraes, 1985. p. 11-26.
- RAWNSLEY, M. M. Theoretical concerns: ontology, epistemology, and methodology - a clarificacion. **Nurs Sc Q 1998**.
- SÁ, O. Corpo e corporeidade. **Revista Ângulo – Fatea – Faculdade integradas Tereza D’Ávila. NUDEH – Núcleo de desenvolvimento de Hipermídia da Fatea**. Disponível em: <www.fatea.br>. Acesso em: 30 abr. 2006.
- SILVEIRA, L. F. A teoria do conhecimento de Kant: o idealismo transcendental. **Caderno brasileiro de ensino de física**. Florianópolis, v. 19, número especial, p. 28-51, jun. 2002. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/~lang/KANT.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2007.
- SOJIA. Filosofia na Web, 2000. **Science Quarterly**, v. 11, n. 1, p. 2-4, 1998. Disponível em: <www.terravista.pt/FerNoronha/2265/index.htm>. Acesso em: 28 nov. 2005.
- WALDOW, V. R. **Cuidado humano: o resgate neces-**
- sário. Porto Alegre: S. Luzzatto, 1998.
- WILLIAMS, M. **Problems of knowledge: a critical introduction to epistemology**. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 1-5.

Recebido em: 06/09/2007

Aceito em: 04/04/2008

Received on: 06/09/2007

Accepted on: 04/04/2008